

Anexo IX - Documentação literária referente a Évora

Documento I – Texto da obra al-Muqtabis, parte V, relativo ao saque de Évora por Ordonho II. (tradução de Adel Sidarus).

Isa Ibn ar-Rázi

Nos começos deste ano (301 H.), o tirano Ordonho, filho de Afonso, rei dos galegos...reuniu as suas tropas e saiu com um grande exército de cvaleiros, infantes e arqueiros, calculado em trinta mil homens. Marchou em direcção à cidade de Évora, governada então por Marwán 'Abd-al-Málik, a qual veio a assediar [...] Avançando com um grupo da sua escolta até proximo da cidade, deu volta à muralha para examiná-la. Verificou que era baixa e não tinha, no topo parapeito nem ameias. Havia, numa zona do exterior, um elevado montão de lixo. Os habitantes da cidade costumavam atira-lo para ali, a partir do interior da muralha. Com o tempo, tinha alcançado quase a altura dela em alguns pontos. Deu-se conta Ordonho deste ponto vulnerável da cidade e sentiu assim o desejo de saqueá-la.

[...] Logo se aproximou dela o inimigo, escalando-a graças aos tais montoes de lixo, e abriram nela uma brecha, num ponto de construção recente. Foram então todos chacinados - que Deus tenha piedade deles - e os infiéis levaram cativas as suas mulheres e os seus filhos e (pilharam todos) os seus bens. Escaparam-se no entanto uma dezena de notáveis que se refugiaram com as suas famílias num daqueles edificios antigos, entrincheirando-se no topo dele. Nesta posição inacessível, não conseguiu (o inimigo) alcançá-los, apesar de os ter combatido, a partir de baixo, o resto do dia até ao cair da noite.

[...] Nesta batalha encontrou martiro Marwán ibn 'Abn-al-Malik, o governador de Évora, tendo sido morto da sua própria mesquita. De facto, quem entrava na cidade, pouco depois da partida do inimigo, e chegava àquele lugar apertado (ma'zaq) para onde foram empurrados os muçulmanos e ali encurralados sem encontrarem saída, via cadáveres amontoados uns sobre os outros, homens e mulheres misturados, empilhados em filas sucessivas, da largura de uma ou duas braças (qãma), atingindo a altura da muralha - o que constituía um espectáculo deveras aterrador. Chama-se a este lugar (ainda hoje) "alafretos", que significa em romance ('ajamiyya) estreiteza.

Naquele momento, retirados aqueles que os combatiam e aproveitando a treva, desceram do refugio e fugiram pela calada da noite para Beja. Assim, de todos os habitantes de Evora, não se terá escapado mais do que essa gente, que fazia parte da nobreza local.

Receando o senhor de Badajoz, 'Abd-Allah ibn Muhâmmad, ordenou que se juntassem sob a mesma bandeira na cidade de Évora deserta, alguns dos berberes das imediações [...] marchou com os seus homens até lá, desstruiu as torres e deitou abaixo o resto das muralhas, até ficarem rente ao chão. Neste contexto de hegemonia Muladi e de hostilidade entre autóctones e Berberes, merece destaque a situação de toda a costa atlântica a sul do Tejo, que se encontra nas mãos de Mas'úd Ibn-Adánis da importante casa luso-berbere dos Masmuda. Não nos podemos demorar sobre esta dinastia que dava o seu nome não apenas a Alcácer do Sal, como é sabido mas também a toda a serra circundante (jábal). Iniciou (no ano seguinte) a reconstrução da muralha derrubada: tapou-se a brecha, consolidaram-se os contrafortes e colocaram-se portas pesadas.

Foram os habitantes de Badajoz, a maior entre as cidades (do Ocidente), os que melhor fizeram, isso mercê da sua força e riqueza. A muralha da sua alcáçova (al-qa'aba) era construída, naquela altura, de betão de taipa (feito de aglomerado de "calcado") e de adobe: obra do primeiro emir deles, 'Abd-ar-Rahmán Ibn-Marwán al-Jillíqi [...] Mobilizou um grande número de operários para a construção da (nova) muralha, (dando-lhe) um corpo especialmente resistente, com blocos (de betão) da largura de dez palmos. Os trabalhos prosseguiram sem interrupção até ficar acabada (a muralha) ainda dentro do mesmo ano.

Pensaram assim: Próximo de nós está a cidade de Évora que, desde que a deixou (devastada) o inimigo (cristão), se tomou fonte de dano para as nossas fronteiras (afrâf) Repovoemo-la com este homem e sua gente, ajudando- os a povoá-la e reconstruí-la, pois que uma vez habitada, ficaremos aliviados da preocupação que nos causa e tomar-se-á parte dos nossos domínios (a'mãl).

"[Tomar-vos-eis] assim no nosso baluarte" [...] Mas'úd agradeceu-lhe penhoradamente e louvou a sua benemérita acção, garantindo-lhe fidelidade e total lealdade (wafa '). Instalou-se (nazala) na cidade, calma e serenamente, confiante na assistência e cooperação (mushâraka) de (Ibn- Marwán). Ibn-Marwán permaneceu ali com ele, (mais) uns dias. Mandou vir (de Badajoz) grandes quantidades de víveres e mantimentos, cavalos e mulas, e ofereceu a Mas'úd ricas vestes e outras roupas. Partiu finalmente, deixando-o remediado e honrado.

Évora tomou-se próspera e a sua produção agrícola abundou. E Mas'úd, e os habitantes (da cidade) com ele, prosperaram e enriqueceram. Assim se explica a sua numerosa população (suknã-hã) e a sua prosperidade ('imâratu- -ha) até hoje em dia.

Documento II – Referencia a Évora pelo geografo al-Idrīsī, in. Compêndio geográfico para Rogério II da Sicília. (traduzido por António Borges Coelho)

Concordou Ibn-Bakr e enviaram os seus mensageiros a pedir clemência: “Tu és (deveras) o senhor (sayyid) dos partidários desta Causa e o (digno) filho do seu (primeiro) mentor (shayktí)\ E nós somos os primeiros a reconhecer este teu direito (haqq) e os mais ciosos em te obedecer (muwāfaqa).” Desculpam-se por se terem (atrevido) a apoderar-se das suas terras (imtadda nah wa-hu) e deram-lhe garantias para o futuro, solicitando a sua benevolência (rida) e a reconciliação (çu/fr). Ibn-Marwán aceitou ao pedido deles e concluiu a paz como pretendiam, voltando de seguida para o seu território (makān).

Sitiaram juntos, com as suas tropas (jam’), uma fortaleza (hiṣn) pertencente a Ibn-‘Ufayr, chamada “Almonte” (al-Munt), (situada) no meio do seu território. Atacam-na até conseguirem penetrá-la (fattia-hā), levando Ibn-Marwán o que pudera como despojo, matando alguns dos homens e levando como cativos os outros. Seguiu depois para a fortaleza de Velillos, que Ibn-‘Ufayr fizera ocupar com os melhores dos seus homens (tiumāt rijāli-hi). Atacou-os Ibn-Marwán durante o dia e a noite, à vista de Ibn-‘Ufayr (impotente). E a cavalaria (dele) andou pela planície (em redor) desta fortaleza, saqueando-a e pilhando as suas riquezas. A fortaleza, porém, conseguiu resistir a Ibn-Marwán, que permaneceu ali a noite inteira (bāta ‘alay- hā). No dia seguinte, (levantou o cerco e) voltou para Badajoz, sua capital,* depois de ter (assim) derrotado e humilhado Ibn-‘Ufayr.

Chegou a tomar a aldeia de Cazorla, que era uma das suas aldeias mais importantes e a mais bem guarnecida em cavaleiros, infantes e engenhos de guerra (‘udda). Era também um antro para salteadores de estrada e um refugio para criminosos (de todo o tipo). 5. Matou um (bom) número dos seus homens, pôs a saque tudo o que encontrou, destruiu (o sítio), reduzindo-o a nada, e partiu.

Quando iniciou a passagem, convenceram-se os Miknasa (de que chegara o momento favorável para agir). Atacam-no e começou a luta. (Ibn- Marwán) enfrentou-os e contra-atacou, vencendo-os e causando grande mortandade entre eles. De seguida, seguiu caminho, vitorioso e triunfante, tendo submetido (dāsa) os seus inimigos por toda a parte. (Estes), intimidados e humilhados, passaram a temê-lo por toda a parte e a reconhecer-lhe a posição que detinha o seu (bis)avô, ‘Abd-ar-Rahmán Ibn Marwán, na chefia dos muladis (ri’āsāt almuwalladiri), tendo agido deste modo (apenas) para apaziguá-lo.

al-Ildrīṣī

Esta última cidade (Évora) é grande e bem povoada. Cercada de Muros, possui um castelo e uma mesquita –catedral. O território que a cerca é de uma fertilidade singular. Produz trigo, gado e toda a espécie de frutos e legumes. É uma exelente região onde o comercio é prospero, quer em objectos de exportação quer em objectos de importação. De Évora a Badajoz, para oriente, 2 jornadas.

Documento III – Referencia a Évora no tratado de geografia por Ibn Sa'ī al.Maghribī. Alcalá la Real, 610/1213 – Tunes, 685/1286. (tradução de António Rei).

Ibn Sa'ī al.Maghribī

A cidade de Évora é uma das cidades famosas no Reino de Badajoz, e muito recordada por Ibn'Abdūn na sua poesia. Tendo-a fortificado al-Muzhaffar ibn al-Aftas, colocou nela o seu filho al-Mansūr. Da mesma forma foi seu governador al-Mutawwaqil e o filho de al-Mutawwaqil. Ela agora pertence aos cristãos.

Documento IV – Referencia a Évora por al-Himyarī, Magrebe, século XIII?

al-Himyarī

Évora (Yabūra)

Cidade em al-Andalus. Entre ela e Alcácer, duas jornadas.

É uma cidade grande e populosa, tendo mercados, alcáçova e mesquita aljama. Nela há muita fertilidade, a qual não se encontra fora dela, pelo muito trigo, carne e legumes e frutas correntes. É uma terra das mais exelentes em todas as regiões. E o que ela mais tem são proveitos. As transacções comerciais com ela são de importação e de exportação.

Entre ela e Badajoz são duas jornadas.

Documento V – Referencia a por Ahmad al-Razī. (traduzido por António Rei)

Ahmad al-Razī

E em seu termo, jaz uma vila a que os antigos chamavam de Ebris e ora é chamada de Évora com os seus termos.